DO MOVIMENTO AO ELO DE AMARELO

Natália Pinto Costa[1]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever como a produção cultural em torno do rapper não se trata apenas de uma produção artística, mas também de um movimento que provoca mobilização social contra uma cultura hegemônica, que usualmente é branca, cis e pertencente a classes mais abastardas economicamente, além de ser um desdobramento da cidadania, explica-se melhor, sendo uma forma de articulação para uma participação social mais ativa em que por meio da música é possível expressar ideais, afetos e indignações e como acréscimo quebra com algumas representações sociais impostas pela cultura dominante já mencionada. Por fim, trata-se também de pontuar como AmarElo é uma produção referência em diversidade cultural e ampliação de vozes tão potentes.

*

A partir dos anos 1990, mais especificamente 1997, o *rap* ganhou espaço de destaque no cenário brasileiro após o grupo *Racionais MC´s* lançar seu trabalho intitulado "Sobrevivendo ao inferno", considerado uma antologia de como se construiu a própria democracia genocida brasileira (CALVACANTE, 2019).Nas palavras de autores como Tiaraju D´Andrea, "mais do que simplesmente representar o cotidiano periférico em crônicas poderosas, a obra dos Racionais ajudou a fundar a subjetividade, criando condições para a emergência do que ele define como "sujeito periférico"" (RACIONAIS MC´S, 2018, p. 29).

Sob esta perspectiva que a obra do *Racionais MC´s,* e o rap por ela representado, além de uma representação artística, é também um

1 Pós-graduada em Direito e Processo Penal pelo Centro Universitário Unichristus. Email:nataliapinto@edu.unifor.br

trabalho que relata experiências etnográficas do que era ser um sujeito periférico negro nos anos 90 no Brasil. É certo que não existe uma única forma de "ser" e "existir" neste mundo. Contudo, essas produções culturais, são frequentemente associadas a palavras como: "violência, polícia, criminalidade", enquadrando os rappers com discursos de vulnerabilidade, os furtando assim, de potencializarem suas múltiplas formas de se expressarem e existirem. Sempre os colocando em um não lugar de pertencimento, o que os invisíveis.

Nesta esteira, é preciso reiterar que, quando se olha para os territórios periféricos apenas como locais de pobreza, práticas de crime e produção de sujeitos a serem criminalizados exclui-se toda a potência criativa que emerge desses espaços. Além disso, inviabiliza discussões mais profundas sobre as razões e os motivos destes espaços serem tão precários, e sobre quem são os omissos a respeito dessa realidade. Conforme os desassossegos de Rômulo Morais (2016) quando se pensa nesses espaços e os extermínios produzidos nele questionam-se todos esses indivíduos que são os alvos de extermínio porque são pobres e pretos ou são pobres e pretos porque sempre foram alvos destinados ao extermínio.

É importante pontuar como esses discursos legitimam, ainda que indiretamente, toda uma violência simbólica em torno dos corpos periféricos -que geralmente são negros - e relacionar os "alvos" comentados no parágrafo anterior com o rapper, pois estes muito se assemelham aos perfis dos cantores. Acreditar que cabe apenas a eles cantar e viver nestes espaços precários é também negar suas cidadanias, como dito anteriormente, colocando-os em um não-lugar, subtraindo suas humanidades em razão do local que ocupam, seja em questão de classe, seja de raça. Nesta esteira, Batalha (2019, p. 149- 150) discorre que existem vários conceitos de cidadania, e entre eles a existência social ativa, que se interliga com outras demandas básicas como saúde, educação, moradia, mas que, sobretudo, garante a esses sujeitos a participação da vida coletiva. Assim, o *hip hop* e o rap seriam formas desses jovens ocuparem espaços públicos por meio dos seus discursos de forma textual.

Nesse cenário esse artigo objetiva versar sobre a articulação entre cidadania e cultura por meio da obra do *rapper* Emicida, "AmarELO" como forma de ocupar espaços como potências e locais de resistência tendo

uma quebra do estigma em torno desse gênero musical. Aproxima-se, portanto, de análises como a de Pitta (2019) que ao descrever a discografia do Emicida considera suas letras como possíveis ferramentas para potencializar os corpos que são historicamente silenciados, seja em espaços políticos, sociais e principalmente culturais .

Na música que dá título do álbum, AmarELo, um dos trechos que mais ecoam é: *Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes* (Emicida, 2019). Isto é um alerta que abre campo a diversas reflexões, sobretudo a respeito dos discursos de precariedade em torno do rap e da periferia.

Dentre vários espaços, principalmente os acadêmicos, quando se fala de periferia ou de representações artísticas como rap, funk, brega funk, entre outros ritmos, muitos discursos giram em torno de "dar voz", falar por aqueles que "não tem voz" . Nota-se que as representações destes espaços são sempre associadas à falta. E então aqui que se começa a traçar um paralelo da obra de AmarElo com os Racionais MC´S e a diversidade cultural. Interliga-se melhor, assim como Racionais MC´S nas décadas de 1980 e 1990 cantava contra essas representações que os marginalizavam e apresentavam suas denúncias por meio de suas músicas, Emicida fez o mesmo em seus diversos álbuns e músicas, inclusive, em AmarElo, pontuando que nesse álbum em específico além de denuncias contra violência e estereótipos o rapper pontuou também o amor para além do aspecto romântico mas sim como prática, afeto que se move em ação.

Voltando para a questão de "falar e dar voz", a juventude popular brasileira tem lutado contra práticas violentas e tem ecoado suas vozes por meio de suas músicas e organizações sociais desde o período da escravidão, nos anos 90 Brown já cantava: "Nossa lei é falha, violenta e suicida/ Se diz, que me diz que, não se revela/ Parágrafo primeiro na lei da favela/ Legal, assustador é quando se descobre que tudo dá em nada e que só morre o pobre" (RACIONAIS MC´S, 2019), ou seja, eles não precisam ter portadores para lhes "dar voz", na realidade suas vozes precisam ser ouvidas e potencializadas e como Emicida proclamou, eles são sujeitos de suas próprias vozes. Além de permitir que eles falem, é necessário ver além de suas cicatrizes.

> Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
> Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
> É roubar o pouco de bom que vivi
> Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
> Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
> É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóis sumir
> (EMICIDA, 2019a)

Importante sinalizar que além do rapper Emicida, a AmarELO também conta com a participação de Pablo Vittar e Maju, membros representantes da comunidade LGBTQI+. Suas participações não são apenas um recorte ou uma escolha aleatória mas, sim, uma forma de sinalizar que suas vivências devem ser exaltadas e reconhecidas. Ao cantar a estrofe acima, estão lutando contra estereótipos e reafirmando sua humanidade e que não devem ser limitados às violências que vivem.

Uma grande parte das músicas que integram esse movimento artístico compõem um artefato cultural, estético e político que mostram como é ocupar espaços na periferia e retratam as violências sofridas por omissões do Estado. Em I*smália*, outra música do álbum AmarElo, Emicida alerta: "80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo/ Quem disparou usava farda (mais uma vez)". Uma crítica sobre violência policial e o racismo usando, como exemplo, o extermínio que ocorreu em abril de 2019, que ocasionou a morte do músico Evaldo Rosa dos Santos.

Outra música que carrega uma grande crítica social é a música Eminência Parda - com a participação de Dona Onete, Jé Santiago e Papillon - que discorre sobre a "ameaça negra". Já em *Cananéia, Iguape e Ilha Comprida*, a música é inaugurada por um diálogo do cantor com sua filha e falando que para ser rapper tem que ser "mal", ele faz essa escolha de maneira quase que sarcástica, o que abriu um debate sobre a masculinidade dentro do rap. Com essa opção na abertura da música, o cantor também desvencilha o rapper da figura de "durão" e mostrando afeto e fragilidade ao expor sua relação com sua filha, deixando transparecer um pouco do Leandro. O disco ainda tem a participação de Zeca Pagodinho falando sobre amizade, Pastor Henrique Vieira falando de amor e coletividade.

Em decorrência da limitação número de páginas deste boletim, não será possível versar sobre todas as músicas do álbum. Como dito anteriormente, utilizamos AmarELO como referência para uma construção

múltipla como forma de resistência. A música e o álbum como todo são repletos de críticas sociais: as representações contidas em suas letras demonstram que é necessário exaltar as subjetividades, romper com os dispositivos que os subjugam e reconhecer toda sua potência; além de mostrar que o *rap* não precisa falar apenas de violência e racismo, podendo falar também de amizade, amor e ancestralidade. O sujeito periférico é múltiplo e não o pode reduzir apenas a um estereótipo.

Emicida, além de produzir o álbum AmarElo, criou também um *podcast* denominado "AmarELO – Um filme invisível". Também criou a série "AmarELO prisma", um movimento que pretende, acima de tudo, ser um espaço de autoconhecimento por meio da cultura e da arte, uma inspiração para mudanças de vida e, quem sabe, até mesmo promover militância em outros tipos de produção das pessoas que consomem este conteúdo.

Ressalta-se, por fim, que existem diversos outros tipos de movimentos em diversos estados que promovem essas rupturas e promoção de cidadania por meio do *rap* e *hip hop* , como as batalhas de *rappers,* saraus de poesias, entre outras formas para além da música, incluindo teatro e outras formas de manifestações culturais, inclusive, por meio da escrita, pinturas, desenhos. E seria um erro pensar nessas manifestações culturais de maneira isolada. É preciso pensar que junto com a música existe um despertar crítico e a inclusão de pautas sociais com os mais diversos desdobramentos.

Dentro dessa proposta, acredita-se que o álbum AmarElo é um modelo que mostra que a cidadania é uma pauta cultural e a inclusão de vários corpos e vozes mostram que para além das cicatrizes é preciso construir rotas que fujam desses espaços demarcados por estereótipos criados para quem canta *rap*.

Como já dito, é preciso reconhecer que contrariando todo o projeto político de apagamento e de criminalização da periferia e seus membros, é necessário ressaltar a potência que existe dentro desses espaços, os movimentos que o produzem. Desta forma, o *rap*, além de uma manifestação cultural, também legitima e abraça a inclusão de várias formas de subjetividade e tem o potencial de transformar e conscientizar aqueles que entram em contato com ele. Logo, nos auxilia a pensar na amplificação das vozes que foram silenciadas, democratizando espaços públicos e ampliando a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Eryck de Jesus Furtado. **Espaço público e movimento hip hop**: batalhas de MCs, identidade, sociabilidade e cidadania em Belém, Pará. Orientadora: Simaia Sales das Mercês. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11937.> Acesso em: 06 de Agos. 2020.

CALVACANTE, Jordhanna Neris Sampaio. **Sobrevivendo no inferno da 'democracia' no Brasil pós-1988**. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de curso Monografia (Ciências Sociais) Universidade De Brasília, Brasília, 2019.

EMICIDA, AmarElo. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2019.

MORAIS, Romulo Fonseca. **O extermínio da juventude popular no Brasil:** uma análise sobre os "discursos que matam". 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Jurídicas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Direito. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10143.> Acesso em 11 de Jun. de 2020.

PITTA, Alexandre Carvalho. **O rap do fim do mundo:** modernidade tardia brasileira e insurgência nas canções de Criolo e Emicida. 2019. 237 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29377>. Acesso em 11 de a gosto 2020.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.